

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 11 DE MAIO DE 1995

*Senhor Governador Mário Covas, que me dá a alegria de, pela segunda vez no dia de hoje, estarmos aqui juntos, neste mesmo microfone; Deputado Sílvio Torres; Presidente do Sindipeças, Doutor Paulo Botori; Representantes: da Associação Comercial de São Paulo, Hέλvio Aliprendi; do Simpi/SP, o Joseph Couri; da Anfavea, Miguel Jorge; da Associação Latino-Americana de Sociólogos, Antonio Gonçalves; Senhores representantes das demais instituições que aqui se encontram; Senhores Líderes Sindicais;*

Eu queria agradecer a manifestação de apreço às reformas, que é trazida hoje aqui, e dizer que o caminho é esse mesmo. O caminho é de ganhar a rua. Nós temos hoje muitos dados, muitas pesquisas de opinião pública que mostram que o País quer o rumo que o Governo está propondo. Porque o Governo não está propondo nada que não tenha sido discutido, debatido durante a campanha eleitoral, e não se trata de uma surpresa para o País.

Ao contrário, seria surpreendente se o Presidente da República, depois de eleito com uma certa plataforma, não fosse cumpri-la. É difícil? É difícil. Mas eu me consolo com as dificuldades do Governador Mário

Covas, porque ele as tem enfrentado com tanta energia, com tanta galhardia, o que me dá ânimo também.

De modo que, se fosse para cumprir as tarefas fáceis, não valia a pena a gente estar, realmente, se candidatando a isso ou a aquilo. As coisas são difíceis. Por quê? Porque, quando se reforma, você muda um estado de coisas, você mexe em situações de interesse. Não quero nem discutir se o interesse é legítimo ou não. Pode ser até legítimo. Só que, muitas vezes, não constitui mais o ponto de vista coincidente com a vontade da maioria. E na democracia é assim. Nós temos que fazer com que a vontade da maioria prevaleça.

Por sorte para todos nós, a maioria do povo brasileiro entendeu a enorme oportunidade histórica que nós estamos vivendo. Eu voltei agora, nesta semana, da Inglaterra. Há pouco tempo estive nos Estados Unidos. Estive no Chile e na Argentina também. A gente percebe, quando se distancia do Brasil, como realmente nós temos oportunidades. Quer dizer, o modo pelo qual nós somos encarados hoje é completamente diferente do que era há dois anos.

Eu fui Chanceler. Tinha imensa dificuldade para explicar lá fora as mudanças que já estavam ocorrendo no Brasil. Ninguém acreditava. Por quê? Por causa da inflação. Ninguém acreditava. Eu fui ao Japão, e os japoneses acreditaram. Mas, no caminho para o Japão, passei pelos Estados Unidos, conversei com uma porção de gente, inclusive jornalistas brasileiros. Parecia que eu estava falando sobre a lua. Eu dizia: “Não, nós já retomamos o crescimento” – foi em 1993 isso –, “as exportações estão crescendo, o Brasil tem capacidade instalada, tem universidades, tem mão-de-obra competente.” Bom, ninguém acreditava. Naquele momento pregava-se no deserto.

Hoje não é assim, hoje é o contrário. Nos contatos que tenho mantido no exterior, são eles próprios que se antecipam, ao dizer-nos das nossas possibilidades. E não há semana em que eu não receba gente aqui dizendo que está investindo.

Então, nós temos uma oportunidade efetiva. Mas a maior condição para a realização de tudo isso é o fato de que temos um regime democrático e um povo que participa. Sem isso, não teria havido Plano Real,

não teria havido reforma da Constituição, porque, aí, os interesses organizados bloqueiam. Se você não tem possibilidade de dinamizar mudança, com o debate, com liberdade, com as expressões públicas de apoio ou de contrariedade, não há possibilidade de mudar. Só vamos mudar mesmo na medida em que continuarmos mantendo esse clima.

Lamento que certos setores da opinião pública brasileira, setores organizados, mais do que da opinião pública, tenham tido uma posição, eu diria até, de cegueira histórica, quando vejo certas placas: “Não às reformas.” Meu Deus do céu! Viraram todos reacionários? Porque quem é contra a reforma é reacionário, conservador, hiperconservador. Não pode ser! O Brasil não é isso, o Brasil quer uma coisa mais moderna, que mude, que é dinamismo, que é transformação.

Mas, eu me lembro, quando lançamos o Real, lá em São Paulo, saiu um enorme cartaz: “Real é pesadelo.” Durou uma semana. Tiveram que tirar correndo o cartaz do “Real é pesadelo”, porque viram que era sonho. E o melhor é que não é sonho, não: é realidade. Não é? Deu certo, e a população ganhou com isso. A reforma vai ser exatamente o mesmo processo. Na medida em que houver apoio, como está havendo agora, quando vocês vão para a rua, explicam, dizem do que se trata, já, já, quem antes dizia “não” à reforma vai começar por querer dar uma pitadinha na reforma. E, daqui a pouco, vai ter que calar a boca porque vai ser vergonhoso ter dito ao País que era contrário àquilo que é bom para o Brasil.

Como nós todos queremos o bem do Brasil, o bem do povo brasileiro, eu agradeço e recebo com humildade, mas também como uma forma de ganhar ainda mais confiança nesse processo de transformação.

Tenho certeza de que, não só aqui em Brasília, nós temos hoje um grupo de pessoas eleitas, de governadores, do melhor quilate. Para começar, quem está aqui à minha direita, e só fisicamente, geograficamente, é o Governador Mário Covas, que todos nós conhecemos e admiramos. Eu pelo menos votei nele várias vezes na vida e continuarei votando, se for possível. Além disso, nós temos, em vários partidos, governadores muito bons, que têm noção da sua responsabilidade. Dos vários partidos.

Eu disse outro dia nos Estados Unidos, quando me fizeram uma pergunta provocativa num clube de jornalistas – jornalista sempre faz isso; perguntaram sobre essas coisas de sempre, “corrupção, administração, a desordem administrativa” e não sei o que lá; eu disse isto: “Acontece que nós temos uma quantidade imensa de prefeitos competentes. Mudou. O Brasil já mudou. Nós hoje temos gente que tem capacidade de enxergar – nos vários níveis: municipal, estadual.” E espero que vocês me ajudem para que no nível federal também seja assim.

Muito obrigado a vocês.